

Uma família de índios Tariano e sua plantação de coca em Jauaretê: negócio bom e rápido

SOCIEDADE
COMPORTAMENTO

Os índios da cocaína

Como a Máfia transformou o Alto Rio Negro em centro produtor

José Meirelles Passos



Ainda é madrugada e, enquanto as primeiras luzes da manhã começam a afastar a escuridão, já se ouve o ronco persistente do motor do avião sendo aquecido na pista de

terra vermelha, entre poças d'água. Alguns homens sonolentos, segurando suas tralhas, fumam cigarros enquanto aguardam o momento de embarcar com destino à selva, onde administram grandes plantações de coca e laboratórios que produzem cocaína pura. É segunda-feira em Mitú, povoado colombiano que é um verdadeiro "entreposto da cocaína", perdido na selva amazônica, a menos de 200 quilômetros da fronteira com o Brasil.

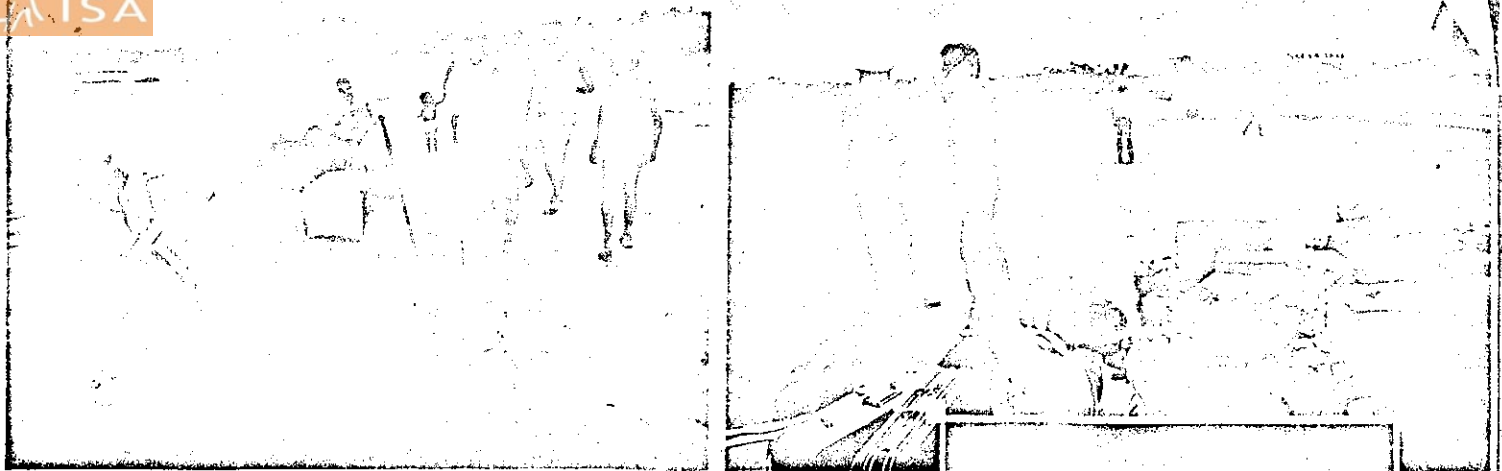
Logo mais o movimento de aviões aqui será intenso. Enquanto outros capatazes da Máfia partirão para o trabalho, e nego-

ciantes armados chegarão com malas cheias de dólares, rapazes fortes descarregarão frascos com produtos químicos e embarcarão caixas contendo saquinhos plásticos estufados de pó branco e refinado que, mais tarde, a Máfia da Colômbia fará chegar aos Estados Unidos e à Europa. Duas ou três dessas avionetas deverão decolar vazias, só com o piloto, com destino às pistas improvisadas junto à fronteira com o Brasil. Sua missão é recolher volumes com produtos que já poderiam ter sido incluídos na pauta de exportações brasileiras desde o segundo semestre do ano passado: folhas e pasta de coca, além de cocaína pura, *made in Brazil*, cultivadas e preparadas com esmero e eficiência por indígenas do Amazonas. Na outra ponta de Mitú, a três quadras do modesto aeroporto, ouve-se o ronco intermitente de motores de popa. Barcos deixam os molhes, riscando a mansidão do rio Uaupés, cheios de suprimentos e galões de combustível, levando índios para

mais uma semana de trabalho nas roças de coca e laboratórios camuflados na floresta.

Entre eles há centenas de indígenas brasileiros. Um deles, o Uanano Tomás Paiva, de 57 anos, tornou-se uma lenda viva entre sua gente. Econômico, ele poupou o suficiente para ter seu próprio chão, passando de lavrador a proprietário, produtor independente, fornecedor da Máfia. Dono de dois prósperos sítios de coca no lado colombiano, Tomás pôde conseguir boas escolas para seus nove filhos — os dois mais velhos estão na universidade em Bogotá — e logo acumulou um saldo abundante em bancos da Colômbia: uma fortuna equivalente a 50 milhões de cruzeiros!

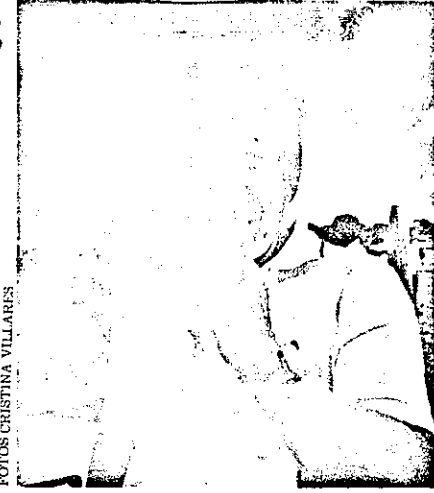
“Passei quase toda a minha vida no Amazonas e a única coisa que consegui lá foi aprender religião”, diz Tomás, com um brilho de revolta nos



Índios brasileiros partem para a Colômbia. E Tomás, ao lado, o que ficou rico

olhos. “A Funai nos ensina a viver como brancos, mas não cria e nem consegue empregos para nós”, desabafa Tomás, um anelão de ouro e o relógio brilhando no pulso. “Por isso”, ele continua, “vim para a Colômbia e me estabeleci. Cheguei mesmo a tirar carteira de identidade colombiana”. E, apesar de ter entrado em atrito com a Máfia, o que, segundo diz, acabou levando-o a se desfazer dos dois sítios de coca no final do ano passado – “começaram a me pressionar, me tiraram do negócio” –, Tomás Paiva não pensa em sair de Mitú. Está plantando café, agora, e se prepara para instalar o primeiro posto de gasolina na cidade, com uma clientela potencial de duzentos barcos/dia, que quase congestionam o rio Uaupés naquela região.

Mitú, como se vê, é o eldorado dos índios brasileiros que vivem no Alto Rio Negro, região da Amazônia Ocidental onde a caça e a pesca são escassas, a agricultura quase nada rende, a desnutrição e a tuberculose são crônicas e não há empregos. Foi há dois anos que os indígenas brasileiros começaram a fazer o caminho para a Colômbia – onde, hoje, ganham em média 2.800 cruzeiros por dia (atual salário mínimo fixado pela Máfia), mais refeições, para cuidarem de lavouras de coca e produzirem cocaína. “Todo mundo aqui só fala na coca. Ficam espiando os amigos e parentes que voltam de lá trazendo roupas novas, rádios, toca-fitas, relógios, motores de popa americanos... E, então, logo seguem o mesmo caminho”, conta Armando de Lima, índio Tariano que vive numa aldeia em Jauaretê, no lado brasileiro da fronteira a 1.100 quilômetros a oeste de Manaus. “Todo dia saem dois a três barcos daqui, cheios, subindo o rio Uaupés até Mitú e Miraflores”, diz Armando. Ele só não tomou o mesmo rumo ainda porque conseguiu um trabalho de carpinteiro no posto da Funai. E porque



FOTOS CRISTINA VILLARIES

se sente assustado com as histórias de violência contadas por amigos que chegam de Mitú, ultimamente. As divergências entre alguns dos 223 chefes mafiosos que controlam o narcotráfico no país resultaram entre outubro e dezembro passado, por exemplo, no assassinato de 52 pessoas. Há outros casos não menos surpreen-

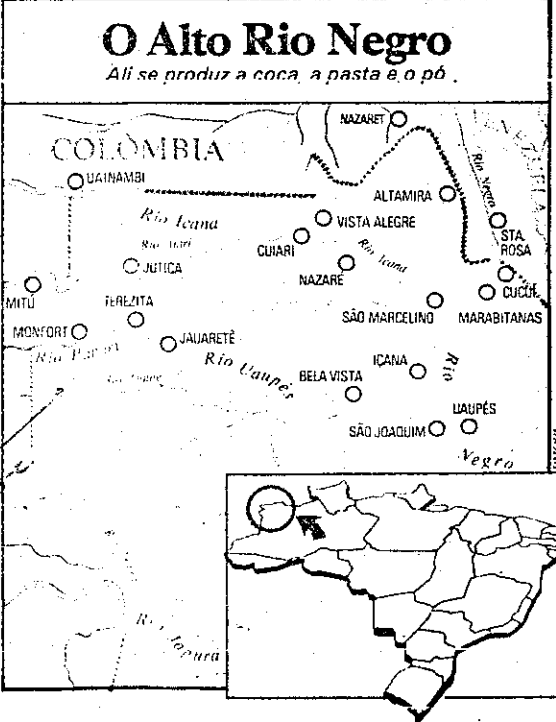


O aeroporto de Mitú e o índio-piloto Tomazito: 5 mil dólares por mês para transportar cocaína

des, como o avanço de grupos guerrilheiros do Movimento 19 de Abril, M-19. Eles vêm-se deslocando do Sul da Colômbia, sua base, para a região do rio Uaupés, a leste, apropriando-se de terras para – também eles – plantar coca e produzir cocaína, que trocam por armamentos no mercado clandestino de Miami, nos Estados Unidos. Parece inevitável ali o confronto entre a guerrilha e a Máfia.

O ambiente, como se vê, não é acolhedor. Mas há dinheiro em circulação e a expectativa de uma vida folgada – e lá se vão os índios brasileiros, já revelando, para o caso, um insuspeitado senso prático.

Depois de um “estágio” nas plantações e laboratórios entre Miraflores e Mitú, muitos resolveram – outros foram incentivados – voltar para o Amazonas brasileiro, trazendo mudas e sementes de coca, e iniciaram extensas culturas ao longo dos rios Papuri, Tiquié, Aiari e Içana, no Alto Rio Negro. Nessa área de floresta tropical, úmida, já existem atualmente grandes sítios de coca e toscos laboratórios em treze povoações*. Toda a produção é exportada para a Colômbia em barcos que

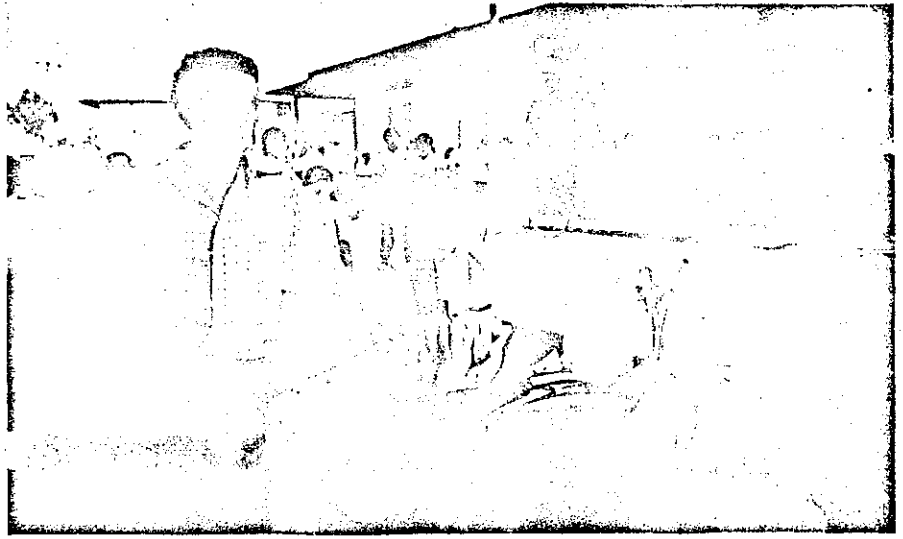




atravessam a fronteira e desovam a mercadoria próximo de acanhadas pistas de pouso, como revela o Desano Tomás Cui-cedo, mais conhecido na região como

Tomazito, famoso por ser o primeiro — e único — indígena colombiano a conseguir um brevê. "Transportar coca por aqui é um trabalho rendoso", diz o índio-piloto. "Dá até 5 mil dólares por mês. Só que quem entra no negócio não pode sair mais. Se alguém fala em cair fora... puf!", diz Tomazito, levando a mão à cabeça, imitando o disparo de um revólver.

Tomazito revela ainda que ultimamente tem transportado vários indígenas brasileiros que pagam 50 mil cruzeiros por um vôo de quarenta minutos entre a fronteira e Mitú, sem reclamar. "A maioria deles", diz o piloto, "vai para fechar contrato de fornecimento, levando amostras da sua produção". A qualidade dessas amostras, diga-se, é indiscutível — como pôde comprovar a própria Polícia Federal de Manaus, que colheu muitas



O povo de Mitú, Colômbia: em um entreposto de cocaína

folhas nas plantações brasileiras e as enviou ao DEA (Drugs Enforcement Administration), órgão do governo americano que combate o tráfico de drogas em todo o mundo. E o laudo lá preparado foi enfático: a coca brasileira, também conhecida como ipadu, é da mais alta qualidade.

As amostras foram colhidas durante a chamada "Operação Ipadu", que a Polícia Federal desenvolveu junto com a Funai no Alto Rio Negro, depois que um surpreendente relatório chegou às mãos do delegado regional da Funai em Manaus, Kazuto Kavamoto, em fins de junho de 1981. O relato, escrito por José Riba-

mar Caldas Filho, um maranhense de 28 anos, chefe do Posto Indígena de Jauaretê, teve sua origem na "Rádio Cipó" — veiculação oral de notícias feita pelos indígenas na selva —, que lhe deu os primeiros indícios.

Outros, Ribamar descobriu por acaso. Certa vez, por exemplo, Ercília Araújo, índia Tariana que é monitora de saúde da Funai, foi atender um doente em Ituí, no rio Papuri, e perdeu-se na selva. Na tentativa de reencontrar seu caminho, ela acabou dando numa vasta plantação de coca mantida por Catarino Brasil, um Piratapuaia de 36 anos, que resolveu aderir ao tráfico

*Roças de coca: 1) Santa Cruz do Inambu; 2) Pari-Cachoeira; 3) Cubate; 4) Mauá-Cachoeira; 5) Aracu-Cachoeira; 6) Jurupari-Cachoeira; 7) Siu-Si; 8) Matapi-Cachoeira; 9) Uaput-Cachoeira; 10) Ucuqui; 11) Ituí; 12) São João; 13) Melo Franco. A pasta é produzida em Santa Cruz do Inambu, Pari-Cachoeira e Uaput-Cachoeira. Nas duas últimas comunidades há laboratórios produzindo cocaína

"A Máfia engole a terra indígena"

Monsenhor Belarmino Correa Yepes é bispo de Mitú, Colômbia, há catorze anos e responsável pelas quatro grandes missões religiosas instaladas na selva amazônica, ao longo do rio Papuri, que separa o Brasil da Colômbia. Resignado, monsenhor Belarmino limita-se, hoje, a aconselhar os indígenas a não venderem para os brancos, gente da Máfia, as terras onde cultivam coca. "É preferível que os brancos venham só buscar a droga do que se instalar por aqui com seus bandos de criminosos", diz ele. Numa carta enviada à Funai, em novembro passado, o monsenhor alertou sobre as atividades dos índios brasileiros metidos no tráfico. No palácio episcopal de Mitú, um prédio simples, feito de madeira, o monsenhor falou a ISTOÉ:

ISTOÉ. O senhor tem idéia de quantos

índios brasileiros trabalham para a Máfia? **Monsenhor.** Posso garantir que já são quase mil índios. Cerca de 60% deles têm chácaras com plantação de coca aqui na região de Mitú, e o resto trabalha por empreitada.

ISTOÉ. O senhor acha possível fazer com que os índios desistam desse tipo de atividade?

Monsenhor. Não dá mais. À medida que ganham dinheiro com a coca, eles abandonam tudo, a pesca, a pecuária, o cacau... Em Mitú, por exemplo, há pelo menos dois anos não se encontra sequer um grão de farinha de mandioca, porque os índios não produzem mais. Eles preferem comprar sardi-



Monsenhor Belarmino

nhas em lata nos armazéns a pescar.

ISTOÉ. Os índios vão até que ponto da produção?

Monsenhor. Ah, meu filho, aqui todo indígena é um químico! Eles sabem preparar não só a pasta como o próprio pó cristalizado, a cocaína pura. Estão enriquecendo, comprando motores de popa, barcos de fibra de vidro, equipamentos de som... Essa região da Amazônia é muito pobre, e os índios descobriram a mina de ouro. O Brasil também não terá outra saída senão permitir que os índios produzam a coca. Ou permite, mantendo um controle da situação, fiscalizando, ou os dias de violência que estamos conhecendo aqui na Colômbia chegarão por lá também. A Máfia, aos poucos, vai engolindo o território indígena.

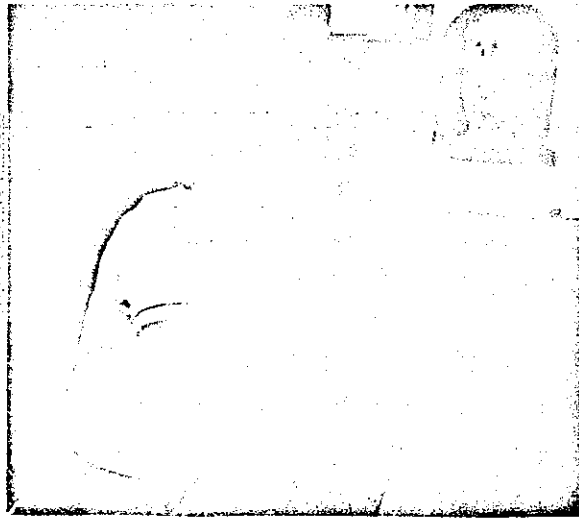


porque sua lavoura de mandioca não vinha rendendo sequer para o sustento da sua própria família. Dias depois, Ribamar descobriu outro traficante: o

Tukano Alfredo da Silva, chefe da comunidade indígena de Melo Franco, que não se intimidou com a advertência do indigenista. "Como o governo não me ajudou até hoje", argumentou o índio, "eu resolvi entrar nesse negócio".

Plantar coca, afinal, não dá muito trabalho, e os resultados surgem rapidamente: cada hectare de coca rende, a cada dois meses, a matéria-prima suficiente para a preparação de 1 quilo de cocaína. O produtor que colhe a coca e prepara a pasta pode ganhar até 2,5 milhões de cruzeiros com esse material. E há notícias de que os índios estão, agora, recebendo armas da Máfia para se defenderem da polícia.

A Polícia Federal, no entanto, mal tem condições de combater o tráfico em Manaus. No Alto Rio Negro, nem pensar. E a Funai conta apenas com o esforçado José Ribamar, encarregado, desde Jauaretê, de acompanhar a vida de 4.500 índios, espalhados por 75 povoados próximos a uma fronteira de 1.645 quilômetros. É claro que ele não vai além de raros contatos com essa população dispersa, ainda mais que



Pedro de Jesus: o pianista e a coca

todo o seu equipamento, um único barco, está quase sempre ocupado no transporte de índios enfermos.

E há ainda uma dificuldade adicional. A coca, o ipadu, faz parte da cultura dos índios do Alto Rio Negro (leia quadro abaixo). Não se pode, portanto, proibir que os índios cultivem o ipadu. Pode-se proibir que eles vendam a coca aos brancos — providência já tomada pela Funai, a primeira, contudo, a reconhecer que não há como fazer cumprir essa medida.

Já as missões salesianas, instaladas na região desde 1914, continuam achando que podem catequizar os índios e abolir seus velhos costumes — o ipadu, inclusive. Não tem dado certo, como o demonstra a história de Pedro de Jesus,

um Tariano de 37 anos. Os salesianos mandaram-no a Belém, para estudar música. Piano, mais precisamente. Depois, Pedro mostrou intenção de estudar medicina, mas os salesianos colocaram-no num seminário. E, quando ele declarou sua falta de vocação sacerdotal, foi desligado da escola e perdeu sua bolsa de estudos.

Voltou, então, para Jauaretê, onde casou, teve três filhos — e foi trabalhar para a Máfia

colombiana. "Vivi trinta anos aqui e nada mudou", lembra ele. "Nunca houve emprego até o negócio da coca. Trabalho, como centenas de brasileiros, para um fazendeiro que possui seis hectares de coca perto de Mitú. Lá, minha mulher e as crianças recebem, como eu, três refeições completas." Comer e "poder comprar roupas e sapatos para toda a família" é o que basta para Pedro. "Acontece que nos civilizaram, mas não nos deram meios para conseguir vida melhor. Agora, achamos o caminho", conta esse índio de bons modos e fala fácil. Para ele, a polícia só tem um meio de acabar com as plantações de coca: atirar bombas na selva e matar todo mundo. ▲



As folhas de coca são secas,



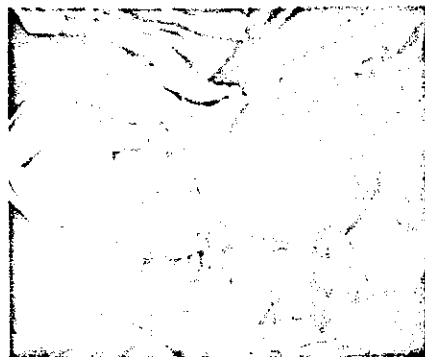
socadas num pilão, e



depois coadas

Enganar a fome e "viajar"

Os índios da Amazônia tradicionalmente utilizam o pó de coca de duas maneiras, com finalidades distintas. No cotidiano, eles o conservam num canto da boca, formando uma pasta que aos poucos vai abolindo a fome, a sede e o cansaço. Em ocasiões especiais, ritos tribais, eles o aspiram para — como costumam dizer — ficar "sábios" por alguns instantes.



O pó está pronto



para ser ingerido